

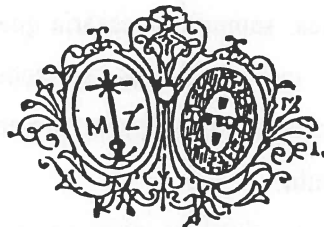


BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



Irmandade
DA
Santa Casa da Misericórdia
DE
SARDOAL



Publicação bimestral

SOLIDARIEDADE

Desde sempre o homem procurou viver em solidariedade, não tanto pela forma e pelo modo como dela falava, mas essencialmente como a punha em prática.

Hoje vive-se mais da palavra do que da prática o que, em nosso entender, representa uma forma negativa de viver e pôr em prática o espírito de solidariedade, que é o mesmo que dizer espírito de caridade.

Porque são imensas as vezes em que se confunde a palavra com os actos, como se bastasse tão somente falar para que os problemas se resolvam, importa, como Irmandade que somos, sermos coerentes com as palavras e delas passarmos aos actos.

Sem queremos alongar-nos, não podemos deixar de manifestar o nosso espanto pela ligeireza com que ouvimos falar, falar e, quanto aos actos, ficamos muito aquém da realidade.

Sendo componente indispensável a concretização das Obras de Misericórdia na vivência da nossa condição de Membros da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, importa que não esqueçamos que elas se realizam com a matéria humana, em primeiro lugar e só depois podemos falar das coisas do espírito.

É condição necessária para que haja realidade que sejamos honestos em tudo quanto fazemos, para que, da crítica, sempre necessária quando é construtiva, possa resultar uma melhor qualidade nos serviços que prestamos e no modo como atendemos aqueles que devem merecer de todos nós o maior carinho e o máximo respeito.

Assim sendo, formulamos votos muito sinceros para que a nossa forma de viver e praticar a Solidariedade seja aquela que resulta do Amor que devemos colocar em cada um dos nossos actos e momentos de doação a uma causa que é de todos sem excepção.

Anacleto Batista

AOS NOSSOS BENFEITORES

permitimo-nos lembrar que os utentes do nosso CENTRO DE DIA muito necessitavam de mais alguns jogos e passatempos que lhes ajudassem a preencher suavizadamente as horas de cada dia, sobretudo quando as condições atmosféricas não aconselham a sair ou a situação especial de cada um lho não permitem.

Assim para os homens, desejar-se-ia pudessem ser oferecidos alguns baralhos de cartas, jogos de dominó, damas e loto; para as albergadas, romances ou meadas de lã e linhas para tricotar, assim como linhas para "crochet" -e, ainda, revistas com modelos de rendas e artigos de vestuário (não complicados!) e materiais simples para peças de artesanato.

Outrossim, e para todos em geral, livros, revistas ou publicações -mas que sejam de leitura própria e adequada à classe etária e que se destinam.

DA TOLERANCIA

Tolerar é sinónimo de permitir, consentir, deixar passar, suportar... Mas, com esta visão tão simplista, podemos correr o risco de transformar tolerância em permissividade, relaxamento, alheamento, irresponsabilidade...

Pensamos que verdadeira tolerância, que cada um deve procurar cultivar, não pode ser tão superficial. Tolerância exige respeito, é respeito pelo outro. Por este "outro" entendemos, em primeiro lugar, a pessoa humana, porque também pode alargar-se o conceito à relação com os animais, as plantas, as coisas, a Natureza em geral. Mas fixemo-nos no primeiro e mais importante e decisivo ponto: respeito pelo outro, porque pessoa humana em toda a sua dignidade e dimensão: ser inteligente, dotado de vontade e sensibilidade, criada à imagem e semelhança do seu próprio Criador, com um fim transcendente a atingir. Tolerância exige, é diálogo que, por sua vez, implica humildade, aceitação do outro tal qual é; implica saber ouvir, escutar, não sobrepor-se, não ir à frente, mas caminhar, lado a lado, visando o entendimento. Ser tolerante é pensar no bem e felicidade do outro, exige renúncia de si próprio. Tolerar é desejar viver em paz com todos e com tudo. Tolerar, no mais profundo do conceito, é afinal amar. Só amando se pode ser verdadeiramente tolerante. Todavia, tolerância não significa transigência onde não se pode nem deve transigir; não significa cedência, fraqueza... Tolerância é um conceito exigente... E, como os homens de hoje rejeitam exigências e pensam mais em si que nos outros, o caminho da Tolerância apresenta-se longo, muito longo, sem fim...

(Excertos colhidos em uma homilia dominical)

...do SARDOAL ANTIGO FEIRAS & MERCADOS

Realizou-se nos finais de Outubro (dia 28, concretamente) mais uma Feira anual da terra, a anti-
quíssima FEIRA DE S. SIMÃO.

Pelo menos até meados deste século, constituía sempre um grande acontecimento, pois a ela concorriam muitas e muitas dezenas de vendedores, que se espraia-
vam por uma vasta área, que abrangia a Praça da Repu-
blica, a parte sul da Rua 5 de Outubro, toda a Rua Bi-
var Salgado e se estendia, ainda, pelo antigo Largo
do Mercado. No topo norte deste logradouro público
era localizado o comércio de gados, onde efectuavam
sempre imensas transacções, sobretudo de animais de
sela e de carga, assim como das espécies ovina e ca-
prina. O gado suíno também tinha bastantes compradores,
pois muitos dos animais iriam completar a sua engorda
em casa dos adquirentes para serem abatidos, depois,
nas célebres "matanças de Janeiro".

Hoje, este último sector da Feira deixou de
existir pois tanto muitas das alfaia agrícolas como
os próprios transportes são todos mecanizados e a traç-
ção animal está quase posta de parte.

Mas as nossas Feiras e mercados tiveram, de
facto, grande importância em épocas passadas. Para se
ver o que representavam para a economia do povo, nes-
ses tempos idos, vamos extractar hoje um diploma de
D. Maria I, de 15 Dezembro de 1777, em que se conce-
diam privilégios e isenções para um mercado que a Ca-
mara de Sardoal havia requerido para funcionar em to-
dos os domingos do ano -certamente porque vira neces-
sidade desse certame semanal para o fomento e desen-
volvimento do Concelho.

Reza assim esse curioso documento:

" A Nobreza e Povo da Vila de Sardoal:

DONA MARIA I, por mercê de Deus Rainha de
Portugal: -Faço saber aos que esta Provisão virem
que tendo respeito ao que se me representou na pro-
posta da Nobreza e Povo da Vila do Sardoal sobre que
lhe fosse concedida licença para se erigir uma feira
ou mercado na mesma Vila em todos os domingos do ano
que não fossem de festas solenes e me pediam a isenção
de todo o género de tributos assim na ciza como no
terrado e portagem para todos os que comprassem ou
vendessem na feira, porque com esta liberdade seria
maior o concurso de comerciantes de fora. Acrescendo,
também, que na dita vila havia a colecta pela qual
se pagava o computo certo pelas cizas, para cuja gra-
ça esperavam lhes mandasse fazer Provisão.

Em consideração do que, e do mais, que expôs
o Conselho da minha Fazenda, em consulta de 18 de Agos-
to do corrente ano, em que foi ouvido o Procurador
dela:

Hei por bem e me praz conceder-lhe a isen-
ção de ciza como do terrado, excepto da "portagem",
por ser próprio do meu real património, para todos os
que comprarem ou venderem na Feira da dita Vila.

Pelo que mando aos Ministros e mais pessoas
a quem o conhecimento desta pertencer a cumpram e
guardem como nela se contém, sendo passada pela minha
chancelaria e nela registada e nas partes necessárias.

Pagará de direitos dois mil e oitocentos
réis que se encarregarão ao Tesoureiro deles, no Li-
vro 2º de sua Secretaria, fls. 221.

Gongalo de Mendonça a fez em Lisboa, aos 15
de Dezembro de 1777.

Sebastião Xavier da Gama Lobo a subscreveu"
(seguem-se diversas assinaturas de ministros)

MB.

DIA DO DOENTE

- Mensagem do Senhor Bispo -

1 - A doença não tem
nome: apenas se classifica
em função do mal que
causa ou da causa do mal.
E o sabor a abstracto que
mantém, deixa as pesso-
as livres de reagir a seu
modo e consoante os mei-
os de que dispõem.

2 - O doente, esse tem
nome, com direitos e de-
veres que o fazem diferen-
te e livre. E não é menos
do que os quais são mais.

Se precisa de ser aju-
dado, também ajuda a co-
nheceras razões da doen-
ça e o valor da vida. Além
disso, a culpa de ser doente
é igual ao mérito de ser
são. E quando a morte
acontece, o são e o doente
valem o mesmo, para além
do bem que praticaram.

3 - Por isso, ajudar o
doente, de modo singular
ou colectivo, não é favor. A
família e o estado cum-
prem deveres herdados. E
quanto mais o serviço é
generoso, mais a razão e o
coração se mostram hu-
manos.

Além disso, a miseri-
córdia infinita de Deus pas-
sa pelas mãos de quem
ama. Assim, um simples

sorriso transborda de to-
das as medidas do tempo:
um sorriso, um gesto de
acolhimento, a pena de não
fazer mais...

4 - E é esse o caminho
da humanização devida a
todos os Serviços (e ao de
Saúde também).

Mas a humanização
não é só dever de quem
serve. Quem é servido (aju-
dado) participa da mesma
obrigação. Pois, a confian-
ça dispensada aos técni-
cos e a paz ao sofrimento,
geram estímulo positivo e
uma corrente de gratuidade.

5 - Estes sinais deixam
ver o rosto de Deus nas
pessoas que têm fé e con-
vidam a saborear o confort-
to da oração.

Convido a rezar a vida
com as provações que esta
tem. Pois, o caminho do
Céu vai por aí.

Que esta nossa con-
versa, irmão doente, valha
como conforto e atraia mais
"cireneus" ao pé de quem
precisa.

Aceita a minha oração
e a minha amizade.

+ Augusto César

Misericórdia — apoio ao domicílio

O Apoio Domiciliário é um serviço que surgiu pela
necessidade e o interesse de manter o idoso no seio familiar,
desenvolvendo uma acção complementar da família e, muitas
vezes, como alternativa ao meio institucional.

Trata-se, portanto, de uma resposta social, que consiste na
prestação de cuidados individualizados e personalizados no
domicílio a idosos, adultos ou familiares quando por motivo
quer da idade, doença, deficiência ou outros impedimentos,
não possam assegurar temporária ou permanentemente, a sa-
tisfação das suas necessidades básicas ou das suas activida-
des da vida diária.

O serviço de apoio domiciliário assegura:

- Distribuição de refeições.
- Lavagem e tratamento de roupas.
- Aquisição de artigos necessários a pedido do utente.
- Acompanhamento ao exterior se necessário.
- Comemoração de datas festivas.
- Convívio intra e inter-geracional.

Inscrições: Lar da Misericórdia

A paz, a felicidade, deve
ser mais obra nossa que
dos outros.

PROF. SERRAS E SILVA

Cuide do seu Coração

As doenças do coração estão entre as principais causas de morte em Portugal, sendo responsáveis por cerca de 16,5% dos óbitos ocorridos.

Quando se fala em doenças do coração, há que ter em conta que estas, em geral, não ocorrem directamente no coração, mas sim nas artérias que integram o sistema circulatório que aquele comanda.

Daí que o grande objectivo da cardiologia preventiva consista no controlo e eliminação da verdadeira "epidemia" que é a doença das artérias coronárias (doença de base que condiciona a angina de peito e os enfartes agudos do miocárdio).

O sucesso da cardiologia preventiva baseia-se, particularmente, na prevenção primária, entendendo-se como tal as medidas tomadas por pessoas saudáveis no sentido de evitarem que a doença surja. Encontram-se devidamente identificados os factores de risco responsáveis pela ocorrência das doenças coronárias, entre os quais avultam a hipertensão arterial, a diabetes e os níveis de colesterol.

Estes factores estão intimamente ligados ao estilo de vida ocidental, caracterizado por alimentação rica em calorias e gorduras saturadas, pelo excesso de consumo de sal, por hábitos tabágicos e pela inactividade física.

Consequentemente, o êxito da prevenção destas doenças assenta essencialmente na modificação do estilo de vida, mediante a adopção de comportamentos contrários aos acima indicados.

Ainda a Feira

Como em outro local se relata, também, efectuou-se em 28 de Outubro a tradicional Feira de S. Simão.

Embora a afluência não fosse tão grande como em anos anteriores, porque o dia havia amanhecido de mau cariz (embora se recompusesse para a parte da tarde) os feirantes e barraqueiros não se mostravam decepcionados à hora do encerramento, pois os negócios haviam sido compensadores. As secções de frutos secos, ou as de artesanato, bem como as de roupa feita e os bazares de quinquilharias em geral foram as mais procuradas. Nem a concorrência de uns tantos supermercados e outras grandes superfícies comerciais, quase a dois passos, fez esquecer o interesse da tradição. "Enfeirar" é um rito consuetudinário da população, que os hábitos hodiernos não fizeram esmorecer de todo.

Tem-se reparado que, ultimamente, a "Feira de S. Simão" aparece, em folhas de propaganda, apendiculada com o sub-título de "Feira da Fossa". Mas, se percorrermos almanaques antigos e os "Borda d'Água", já desde o início da sua publicação e nas diversas editoras que tem tido ou mesmo, ainda, as "Notícias" de Sardeal, dos principais diários da capital e remontando ao fim do século passado, em nenhum encontramos este alcunho prosaico -que, apenas, teve algum eco no linguajar mais simples das zonas rurais e não extravasava para o exterior (pelo menos, que nos conste).

Não constitui este reparo qualquer obstrução ao pretenso reactivar desse populismo. "Manda quem pode", sempre se disse. Apenas uma nota de surpresa pela insistência em um apodo, que não deverá muito à estética nem à eufonia da Língua.

M,

O bem que fazes não cai na terra sem resposta.

Sócrates (469 - 399 a.C.) - Filósofo grego.

Igreja contra o uso de símbolos sagrados na publicidade

O Patriarcado de Lisboa considera que o uso de «expressões ou imagens sagradas» na publicidade de produtos comerciais constitui «um abuso intolerável, motivo de fundado escândalo e ofensa para numerosos portugueses».

«Trata-se, sem dúvida, de um triste sintoma de uma sociedade em vias de perder, não apenas o sentidos dos valores, mas também o sentido da sua própria dignidade», lê-se num comunicado do Patriarcado.

Além de «recordar às empresas de publicidade que o dinheiro não justifica tudo», o Patriarcado de Lisboa exige das autoridades que «cuidem de não comprometer o que a Administração Pública deve, em qualquer caso, à consciência dos cidadãos».

"JORNAL DE ABRANTES"

Com o seu nº 5.000 perfizeram-se há pouco 115 anos que, pela primeira surgiu o "Jornal de Abrantes".

E-nos, assim, muito grata esta oportunidade para felicitar-mos o grande paladino regionalista, englobando todos os que tão dedicadamente se empenham por nos propiciar a sua tão agradável visita, todas as semanas.

O NOSSO BOLETIM

Entrámos recentemente no 17º ano de publicação.

Alguns Bons Amigos houve que, uma vez mais, se não esqueceram da data e nos enviaram as suas felicitações.

É um gesto que muito nos sensibilisa, nomeadamente pela sua espontaneidade.

Por nós, procuraremos continuar o nosso caminho, com todo o empenho e entusiasmo da primeira hora.

VISITAS AO LAR

TODOS OS DIAS:

Das 14.15 às 15.45 h. e
entre as 17.00 e as 17.45 h.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88